doi.org/10.51891/rease.v12i11.32627

A ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE DIANTE DA HESITAÇÃO À VACINAÇÃO CONTRA O HPV EM ADOLESCENTES: REVISÃO DE ESCOPO

NURSING PRACTICE IN PRIMARY HEALTH CARE IN RESPONSE TO HPV VACCINE HESITANCY AMONG ADOLESCENTS: A SCOPING REVIEW

ACTUACIÓN DE ENFERMERÍA EN ATENCIÓN PRIMARIA DE SALUD ANTE LA VACILACIÓN FRENTE A LA VACUNACIÓN CONTRA EL VPH EN ADOLESCENTES: REVISIÓN DE ALCANCE

Anna Letícia Soares de Araújo[1]
Yasmin Fernandes Barbosa[2]
Alberto César da Silva Lopes[3]

RESUMO: Introdução: A hesitação à vacinação contra o papilomavírus humano (HPV) envolve aspectos informacionais, familiares e de acesso aos serviços, com repercussões para a prevenção de doenças relacionadas ao vírus. Objetivo: Mapear as evidências disponíveis sobre estratégias e ações de enfermagem na Atenção Primária à Saúde voltadas ao enfrentamento da hesitação à vacinação contra o HPV entre adolescentes e seus responsáveis. Métodos: Revisão de escopo organizada pela estratégia População, Conceito e Contexto (PCC), com buscas relatadas nas fontes PubMed e Biblioteca Virtual em Saúde e seleção de sete publicações, segundo os registros apresentados pelos autores. Resultados: Os estudos foram organizados em três eixos: conhecimento sobre HPV e vacinação; fatores familiares e sociais relacionados à hesitação; e intervenções educativas e de comunicação em saúde. Limitações de heterogeneidade dos estudos e de rastreabilidade da seleção impedem inferir, a partir deste conjunto, efeito causal ou magnitude de aumento da cobertura vacinal. Conclusão: A literatura mapeada sugere possibilidades de atuação do enfermeiro por meio de escuta qualificada, recomendações fundamentadas e articulação com escolas e famílias; são necessários estudos que avaliem desfechos vacinais diretamente.

Palavras-chave: Papilomavírus humano (HPV). Vacinação. Enfermagem. Atenção primária à saúde. Educação em saúde.

ABSTRACT: Introduction: Hesitancy toward human papillomavirus (HPV) vaccination involves information-related, family and access barriers. Objective: To map available evidence on nursing strategies and actions in primary health care to address HPV vaccine hesitancy among adolescents and their caregivers. Methods: A scoping review structured using the Population, Concept and Context framework. Searches were reported in PubMed and the Virtual Health Library, with seven publications included according to the authors' records. Results: Findings were organized into three themes: knowledge of HPV and vaccination; family and social determinants of hesitancy; and educational and health communication interventions. Heterogeneity and incomplete documentation of study selection preclude causal inferences or estimates of effects on vaccination coverage. Conclusion: The mapped literature suggests opportunities for nurses to provide person-centred counselling, evidence-based recommendations and school–family collaboration, while further outcome-focused studies are required.

[1] Discente do curso de Enfermagem. Centro Universitário IESB, Brasília, DF.
[2] Discente do curso de Enfermagem. Centro Universitário IESB, Brasília, DF.
[3] Orientador. Bacharel em Enfermagem pelas Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central (FACIPLAC). Mestre em Educação. Especialista em Terapia Intensiva, Urgência e Emergência, Cardiologia, Oncologia, Nefrologia e Obstetrícia. Docente do curso de graduação em Enfermagem do Centro Universitário IESB, Brasília, DF. Vice-presidente do Conselho Regional de Enfermagem (COREN-DF).

Keywords: Human papillomavirus (HPV). Vaccination. Nursing. Primary health care. Health education.

RESUMEN: Introducción: La vacilación ante la vacunación contra el virus del papiloma humano (VPH) comprende barreras informativas, familiares y de acceso a los servicios. Objetivo: Mapear las evidencias disponibles sobre estrategias y acciones de enfermería en la Atención Primaria de Salud para afrontar la vacilación vacunal entre adolescentes y responsables. Métodos: Revisión de alcance estructurada mediante Población, Concepto y Contexto; se comunicaron búsquedas en PubMed y la Biblioteca Virtual en Salud, con siete publicaciones incluidas según los registros de los autores. Resultados: Los hallazgos se agruparon en conocimiento sobre VPH y vacunación, factores familiares y sociales, e intervenciones educativas y de comunicación. La heterogeneidad y la documentación incompleta de la selección impiden inferencias causales sobre la cobertura vacunal. Conclusión: La literatura identificada señala posibilidades de intervención mediante escucha activa, recomendaciones basadas en evidencias y articulación entre servicios, familias y escuelas; se requieren estudios con resultados de vacunación medidos directamente.

Palabras clave: Virus del papiloma humano (VPH). Vacunación. Enfermería. Atención primaria de salud. Educación para la salud.

1 INTRODUÇÃO

O Papilomavírus Humano (HPV) é uma das infecções sexualmente transmissíveis mais prevalentes no mundo e está associado ao desenvolvimento de diferentes tipos de câncer, especialmente o câncer do colo do útero. A infecção persistente por determinados tipos oncogênicos do vírus pode provocar alterações celulares que favorecem o desenvolvimento de neoplasias. Além do câncer do colo do útero, o HPV está relacionado a tumores de ânus, pênis, vulva, vagina e orofaringe, evidenciando sua relevância como problema de saúde pública e a necessidade de estratégias eficazes de prevenção (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2024).

A vacinação contra o HPV constitui uma das principais estratégias de prevenção primária, pois reduz o risco de infecções pelos tipos virais contemplados pelo imunizante e de lesões precursoras de câncer. No Brasil, a vacina é disponibilizada gratuitamente pelo Sistema Único de Saúde (SUS), por meio do Programa Nacional de Imunizações (PNI). O calendário nacional prevê a vacinação de rotina em dose única para meninas e meninos de 9 a 14 anos, buscando proporcionar proteção antes da exposição ao vírus. Em 2026, também foi prevista uma estratégia de resgate vacinal para jovens de 15 a 19 anos que não receberam a vacina na faixa etária recomendada (BRASIL, 2026). Apesar da disponibilidade do imunizante, a ampliação da cobertura vacinal continua sendo um desafio que exige ações integradas entre os serviços de saúde, as instituições de ensino e as famílias.

A hesitação vacinal é um fenômeno multifatorial, relacionado a aspectos individuais, sociais, culturais e institucionais. Entre os fatores que podem interferir na decisão de vacinar estão a disseminação de informações falsas, as preocupações com a segurança e a eficácia do imunizante, o conhecimento insuficiente sobre o HPV e a influência das crenças e percepções dos pais ou responsáveis. No caso da vacina contra o HPV, dúvidas relacionadas à finalidade preventiva da imunização e receios sobre sua associação com o início da vida sexual também podem dificultar a aceitação. Bakare et al. (2024), em uma revisão sistemática e metanálise que reuniu 73 estudos, identificaram preocupações com a segurança e a eficácia da vacina, custos, hesitação dos pais e barreiras sistêmicas entre os principais fatores que dificultam a recomendação profissional da imunização. Esses resultados evidenciam que a baixa adesão não deve ser atribuída exclusivamente à falta de informação, sendo necessário considerar as diferentes circunstâncias que influenciam a decisão das famílias.

Nesse contexto, a Atenção Primária à Saúde (APS) desempenha papel fundamental na promoção da vacinação, uma vez que desenvolve ações de prevenção de doenças, promoção da saúde e acompanhamento contínuo da população. O enfermeiro assume posição estratégica nesse cenário por participar das ações de imunização, da verificação da situação vacinal e da orientação dos usuários e familiares. Bakare et al. (2024) destacam que os profissionais de saúde constituem fontes importantes de informação sobre vacinas e podem influenciar a aceitação da imunização. Entretanto, os autores também identificaram diferenças nas práticas de recomendação entre os profissionais e apontaram a necessidade de abordagens adaptadas aos contextos locais. Dessa forma, a atuação do enfermeiro deve envolver acolhimento, escuta qualificada, esclarecimento de dúvidas e comunicação fundamentada em evidências científicas, contribuindo para fortalecer a confiança nos serviços de saúde.

A educação em saúde constitui uma ferramenta relevante para enfrentar a hesitação vacinal, pois possibilita a construção do conhecimento e a participação dos indivíduos nas decisões relacionadas à própria saúde. No contexto da vacinação contra o HPV, as práticas educativas devem abordar a finalidade da imunização, os benefícios da prevenção e as dúvidas sobre a segurança da vacina, utilizando linguagem acessível e adequada às necessidades do público. Além disso, é fundamental considerar as preocupações dos pais e responsáveis, evitando abordagens exclusivamente informativas que não respondam às questões apresentadas pelas famílias. Segundo Bakare et al. (2024), as preocupações parentais representam uma das barreiras identificadas nas práticas de recomendação da vacina contra o HPV. Assim, o diálogo

e a orientação individualizada constituem estratégias importantes a serem consideradas no planejamento das ações de enfermagem.

Além das ações realizadas nas unidades de saúde, destaca-se a importância da articulação entre a Atenção Primária e o ambiente escolar. As escolas representam espaços estratégicos para o desenvolvimento de atividades educativas direcionadas aos adolescentes, possibilitando a disseminação de informações confiáveis e o incentivo à atualização da situação vacinal. A realização de ações conjuntas entre profissionais de saúde, educadores e famílias pode ampliar as oportunidades de orientação e vacinação, favorecendo o acesso à informação e a identificação de adolescentes com imunização pendente. Nesse processo, a participação dos pais e responsáveis é especialmente relevante, uma vez que suas percepções e decisões podem influenciar a adesão dos adolescentes à vacinação.

A questão norteadora desta revisão de escopo é: quais evidências estão disponíveis sobre as estratégias utilizadas por enfermeiros na Atenção Primária à Saúde para abordar a hesitação à vacinação contra o HPV em adolescentes e seus responsáveis, e quais resultados foram descritos nesses estudos? A formulação privilegia o mapeamento das práticas e dos resultados informados, em lugar de pressupor uma relação causal não demonstrada pelo delineamento.

Justifica-se este estudo pela relevância da imunização contra o HPV para a prevenção de doenças associadas à infecção e pela persistência de barreiras informacionais, relacionais e organizacionais à vacinação. Na Atenção Primária à Saúde, a equipe de enfermagem mantém contato longitudinal com adolescentes e famílias e pode identificar dúvidas, situações de atraso vacinal e dificuldades de acesso. Entretanto, há necessidade de distinguir ações apenas propostas de intervenções efetivamente avaliadas, bem como de identificar lacunas sobre seus resultados. Mapear e caracterizar essa produção pode orientar o planejamento de ações educativas contextualizadas e apontar prioridades para estudos de efetividade, sem atribuir às intervenções benefícios não medidos.

Objetivo geral: mapear as evidências científicas disponíveis sobre estratégias de enfermagem na Atenção Primária à Saúde para enfrentar a hesitação à vacinação contra o HPV em adolescentes e seus responsáveis. Objetivos específicos: (a) caracterizar os contextos, participantes e delineamentos dos estudos incluídos; (b) identificar barreiras à vacinação descritas pelos estudos; (c) descrever estratégias educativas, comunicacionais e organizacionais atribuídas à enfermagem; e (d) distinguir os desfechos relatados — conhecimento, intenção, aceitação e vacinação efetivamente realizada — e as lacunas de pesquisa.

2 MÉTODOS

Trata-se de uma revisão de escopo, método apropriado para mapear os tipos de evidências disponíveis na literatura, identificar conceitos relevantes e reconhecer possíveis lacunas de conhecimento sobre determinada temática. Para orientar a elaboração da revisão, foi utilizada a estratégia PCC, definida da seguinte forma: P (População) — adolescentes e seus pais ou responsáveis; C (Conceito) — estratégias e atuação da enfermagem diante da hesitação à vacinação contra o HPV; e C (Contexto) — Atenção Primária à Saúde e serviços comunitários ou escolares articulados à APS.

Com base nessa estrutura, estabeleceu-se a seguinte questão norteadora: quais estratégias de enfermagem relacionadas à hesitação à vacinação contra o HPV em adolescentes e seus responsáveis foram descritas na literatura, em contextos de atenção primária e ações comunitárias ou escolares articuladas?

A busca dos estudos foi realizada nas bases de dados PubMed e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), utilizando descritores relacionados ao Papilomavírus Humano (HPV), à vacinação, à enfermagem e à educação em saúde. Os termos foram combinados por meio dos operadores booleanos AND e OR, conforme a estratégia de busca apresentada nesta metodologia.

O processo de seleção e apresentação dos estudos foi orientado pelas recomendações do PRISMA-ScR (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses Extension for Scoping Reviews), com o propósito de proporcionar maior transparência e clareza ao relato da revisão.

Foram empregados os descritores: Human Papillomavirus, Papillomavirus Infections, HPV, Vaccines, Papillomavirus Vaccines, Vaccination, Nursing, Nursing Care, Nurse e Health Education. Os descritores foram combinados por meio dos operadores booleanos AND e OR, utilizando a seguinte estratégia de busca: ("Human Papillomavirus" OR "Papillomavirus Infections" OR HPV) AND (Vaccines OR "Papillomavirus Vaccines" OR Vaccination) AND (Nursing OR "Nursing Care" OR Nurse) AND ("Health Education" OR "Community Health Education" OR "Education, Community Health" OR "Education, Health"). Não foram utilizados truncamentos na estratégia de busca, uma vez que os termos selecionados foram considerados adequados para a recuperação dos estudos relacionados à temática.

Foram considerados como critérios de inclusão estudos publicados no período de 1º de janeiro de 2016 a 1º de janeiro de 2026, disponíveis nos idiomas português, inglês ou espanhol,

com texto completo disponível e que abordassem aspectos relacionados à enfermagem, ao HPV, à vacinação contra o HPV ou à hesitação vacinal. Foram consideradas publicações que apresentassem informações pertinentes à questão norteadora da pesquisa, especialmente aquelas relacionadas ao conhecimento sobre o HPV, aos fatores que influenciam a decisão de vacinação e às ações educativas desenvolvidas por profissionais de enfermagem.

Como critérios de exclusão, foram estabelecidos a retirada de estudos duplicados, publicações que não apresentassem relação direta com a temática investigada e trabalhos cujos conteúdos não contribuíssem para responder ao objetivo da revisão.

A seleção dos estudos considerou a estratégia PCC, contemplando pesquisas relacionadas aos adolescentes e seus pais ou responsáveis, às estratégias de enfermagem voltadas à prevenção e à vacinação contra o HPV e aos contextos de atenção primária, comunitários e escolares articulados à APS. Também foram analisadas pesquisas desenvolvidas no ambiente escolar que apresentassem contribuições relacionadas à educação em saúde, à prevenção do HPV e à orientação de adolescentes e familiares.

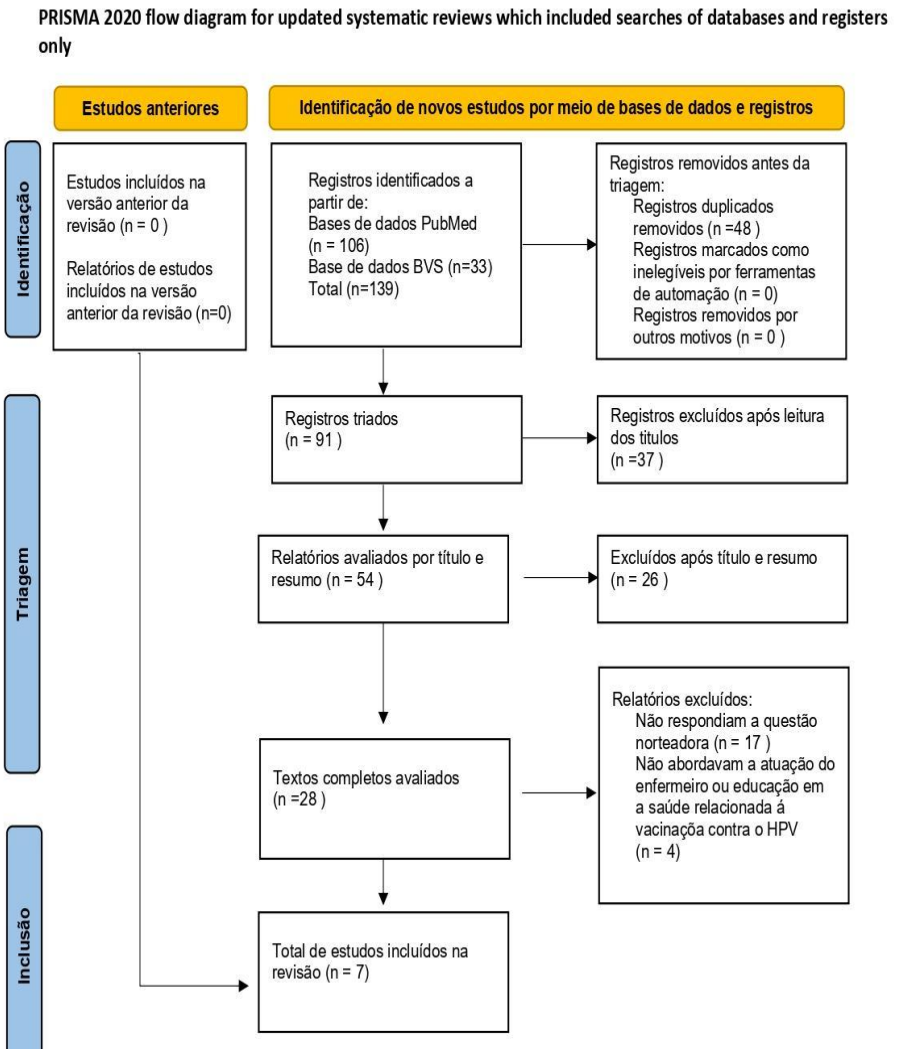
Em relação ao processo de busca, foram identificados inicialmente 135 registros na base PubMed, dos quais 106 permaneceram após a aplicação dos filtros. Na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), foram encontrados 38 registros iniciais, sendo 33 mantidos após a filtragem. Posteriormente, os estudos foram avaliados por meio da leitura dos títulos e resumos e, quando considerados potencialmente relevantes, submetidos à leitura na íntegra. Ao final do processo de seleção, sete publicações foram incluídas na amostra desta revisão de escopo.

A organização e a apresentação do processo de seleção dos estudos tiveram como referência as recomendações do PRISMA-ScR (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses Extension for Scoping Reviews), propostas por Tricco et al. (2018), com o objetivo de proporcionar maior transparência e clareza ao relato da revisão.

Após a seleção, os estudos foram analisados considerando seus autores, ano de publicação, país de realização, objetivos e principais resultados. Para facilitar a interpretação dos achados, os resultados foram organizados em três eixos temáticos: conhecimento e educação sobre o HPV; hesitação vacinal e influência familiar; e enfermagem e ações educativas. Essa organização permitiu identificar aspectos relacionados ao conhecimento sobre a infecção, aos fatores que influenciam a decisão dos pais e responsáveis e à contribuição dos profissionais de enfermagem para a promoção da vacinação contra o HPV.

Por se tratar de uma revisão de escopo baseada na análise de publicações científicas e informações de domínio público, sem recrutamento de participantes ou coleta direta de dados pessoais, não houve abordagem direta de seres humanos. A observância das exigências éticas aplicáveis deve considerar as características da pesquisa e as orientações institucionais.

Figura 1 – Fluxograma da identificação e seleção das fontes de evidência



Fonte: Elaborado pelas autoras Yasmin Fernandes Barbosa e Anna Letícia Soares de Araujo (2026), com referência à extensão PRISMA-ScR (Tricco et al., 2018).

3 RESULTADOS

Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão estabelecidos na metodologia, foram selecionados sete artigos científicos para compor a amostra final desta revisão de escopo, conforme registrado no processo de seleção dos estudos. A busca foi realizada nas bases de dados PubMed e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), utilizando descritores relacionados ao

Papilomavírus Humano (HPV), vacinação, enfermagem e educação em saúde, combinados por meio dos operadores booleanos AND e OR.

Inicialmente, foram identificados 135 registros na PubMed, dos quais 106 permaneceram após a aplicação dos filtros. Na BVS, foram encontrados 38 registros, sendo 33 mantidos após a filtragem. Posteriormente, os títulos e resumos foram avaliados quanto à pertinência ao tema, e os estudos potencialmente elegíveis foram submetidos à leitura na íntegra. Após a análise, foram selecionadas as publicações que atendiam aos critérios metodológicos e respondiam à questão norteadora da pesquisa.

Os estudos selecionados tiveram como foco aspectos relacionados à hesitação vacinal contra o HPV, aos fatores que interferem na adesão de adolescentes à imunização e à contribuição das ações educativas realizadas pelos profissionais de saúde. A análise dos dados foi organizada por meio da identificação de temas recorrentes, considerando a relação entre o conhecimento sobre o HPV, a influência dos pais e responsáveis e a atuação do enfermeiro na Atenção Primária à Saúde.

A partir da análise temática, os achados foram organizados em três categorias: conhecimento sobre o HPV e a vacinação; fatores associados à hesitação vacinal e à resistência familiar; e atuação do enfermeiro na educação em saúde e na promoção da adesão vacinal. Essa organização permitiu discutir os diferentes fatores que podem interferir na decisão de vacinar e as possibilidades de atuação dos serviços de saúde para ampliar o acesso à informação e fortalecer a prevenção.

Na primeira categoria, referente ao conhecimento sobre o HPV e a vacinação, destaca-se a importância da informação para a compreensão da finalidade preventiva do imunizante. A insuficiência de conhecimento sobre a infecção, suas possíveis consequências e os benefícios da vacinação pode contribuir para a permanência de dúvidas entre adolescentes, pais e responsáveis. Dessa forma, a educação em saúde constitui um recurso relevante para ampliar a compreensão da população sobre a prevenção de doenças relacionadas ao HPV.

Na segunda categoria, relacionada à hesitação vacinal e à resistência familiar, observa-se a necessidade de considerar as percepções e as preocupações dos responsáveis no processo de decisão. Dúvidas sobre a segurança da vacina, receio de possíveis eventos adversos e informações incorretas podem influenciar a aceitação da imunização. Esses aspectos demonstram a importância de uma abordagem profissional que permita identificar as razões da resistência e oferecer esclarecimentos fundamentados em evidências científicas.

A terceira categoria aborda a atuação do enfermeiro na Atenção Primária à Saúde, especialmente por meio de orientações individuais, atividades educativas coletivas e acompanhamento da situação vacinal dos adolescentes. A proximidade desse profissional com as famílias e a comunidade favorece oportunidades para esclarecer dúvidas, promover o diálogo e reforçar a importância da vacinação. Além disso, a articulação entre os serviços de saúde e as instituições de ensino pode ampliar o alcance das ações educativas.

Em conjunto, as categorias identificadas permitem compreender que a adesão à vacinação contra o HPV está relacionada a diferentes fatores, incluindo o acesso à informação, a confiança nos profissionais de saúde, a participação familiar e as condições de acesso aos serviços de imunização. Os resultados devem ser interpretados considerando os objetivos e os delineamentos dos estudos incluídos, uma vez que nem todas as publicações necessariamente avaliaram diretamente intervenções educativas realizadas por enfermeiros.

Os estudos foram sintetizados em três eixos coerentes com a pergunta da revisão: (1) conhecimento sobre HPV, vacinação e educação em saúde; (2) hesitação vacinal, percepções familiares e barreiras de acesso; e (3) atuação da enfermagem, comunicação e intervenções educativas. O Quadro 1 apresenta, segundo a transcrição original dos autores, sete registros e seus principais achados.

Quadro 1 – Caracterização dos sete estudos relatados como incluídos na revisão de escopo: autoria, país, objetivo, achados e eixo temático (n = 7)

Autor (ano)	País	Objetivo do estudo	Principais achados	Categoria
Rosen et al. (2017)	Estados Unidos	Identificar fatores associados às atitudes de enfermeiros escolares em relação à vacina contra o HPV.	Os resultados destacam a importância do conhecimento dos enfermeiros e da percepção de seu papel como formadores de opinião para incentivar a vacinação. Os autores apontam a necessidade de capacitação profissional.	Eixo 3 — Enfermagem e ações educativas
Edwards e Hooper (2019)	Estados Unidos	Avaliar uma iniciativa em serviço de saúde escolar para aumentar a aceitação da vacina contra o HPV por meio da recomendação profissional e da educação dos responsáveis.	Após a revisão dos registros vacinais e o envio de recomendações escritas e materiais educativos às famílias, 15 responsáveis autorizaram a vacinação entre 36 adolescentes identificados com vacinação pendente. Os autores destacaram a importância da recomendação dos profissionais de saúde.	Eixo 3 — Enfermagem e ações educativas
Aslan e Bakan (2021)	Turquia	Explorar as percepções e experiências de enfermeiros escolares ao implementar uma intervenção educativa sobre prevenção do HPV.	Os enfermeiros consideraram a intervenção compatível com suas atribuições e destacaram a importância de materiais em diferentes idiomas para facilitar a comunicação com adolescentes e familiares.	Eixo 1 — Conhecimento e educação sobre HPV
Lee et al. (2021)	Estados Unidos	Investigar conhecimento, normas sociais, comunicação familiar e decisões sobre vacinação entre	O estudo identificou baixo conhecimento sobre HPV e vacinação. A intenção materna percebida esteve relacionada à decisão das filhas. Os	Eixo 2 — Hesitação e influência familiar

Autor (ano)	País	Objetivo do estudo	Principais achados	Categoria
		mães e filhas cambojano-americanas.	autores destacam a importância de estratégias educativas cultural e linguisticamente adequadas.	
Mattebo et al. (2021)	Suécia	Explorar as percepções e experiências de enfermeiros escolares ao implementar uma intervenção educativa sobre prevenção do HPV.	Os enfermeiros consideraram a intervenção compatível com suas atribuições e destacaram a importância de materiais em diferentes idiomas para facilitar a comunicação com adolescentes e familiares.	Eixo 3 — Enfermagem e ações educativas
Lang et al. (2022)	Estados Unidos	Descrever e avaliar uma intervenção multinível para melhorar a cobertura vacinal contra o HPV em uma clínica rural.	A intervenção envolveu capacitação dos profissionais, estratégias de comunicação e orientação de pais e responsáveis. Foram observados aumento do conhecimento e crescimento da proporção de adolescentes vacinados após a intervenção.	Eixo 3 — Enfermagem e ações educativas
Li et al. (2024)	China	Investigar o conhecimento de universitários sobre HPV e vacinação, os fatores associados e a disposição para receber a vacina	Entre 650 estudantes, 58% conheciam o HPV, 72,8% conheciam a vacina e 4,2% haviam sido vacinados. Apesar da baixa cobertura, 63,2% manifestaram intenção de vacinação. Os autores recomendam ações educativas diversificadas.	Eixo 1 — Conhecimento e educação sobre HPV

Fonte: Elaborado pelas autoras Yasmin Fernandes Barbosa e Anna Letícia Soares de Araujo (2026), com referência PubMed e BVS.

4 DISCUSSÃO

A síntese dos estudos selecionados sugere que enfermeiros podem contribuir para o enfrentamento da hesitação à vacinação contra o HPV por meio de orientações individuais e coletivas, acolhimento e comunicação sobre benefícios e segurança das vacinas. Todavia, estudos sobre atitudes, conhecimento ou intenção de vacinar não demonstram, por si, aumento de cobertura vacinal. A interpretação deve considerar as diferenças entre populações, cenários, métodos e indicadores, evitando extrapolar resultados de contextos escolares ou universitários para toda a Atenção Primária à Saúde brasileira.

Os achados dos estudos analisados demonstram que o conhecimento sobre o HPV e sua prevenção está relacionado à aceitação da vacina. Li et al. (2024), ao investigarem o conhecimento e a intenção de vacinação entre estudantes universitários na China, identificaram lacunas importantes de informação sobre o vírus e o imunizante, além de uma proporção reduzida de participantes previamente vacinados. Esses resultados evidenciam que a disponibilidade da vacina, isoladamente, não garante a adesão, sendo necessário desenvolver estratégias educativas que esclareçam sua finalidade, os benefícios da imunização e a relação entre a infecção persistente pelo HPV e o desenvolvimento de determinadas doenças. Embora o estudo tenha sido realizado em outro contexto nacional e com estudantes universitários, seus

resultados contribuem para compreender como o conhecimento insuficiente pode representar uma barreira à prevenção.

É importante esclarecer que nem todos os tipos de HPV apresentam o mesmo potencial oncogênico. Existem mais de 200 tipos identificados do vírus, sendo alguns classificados como de baixo risco e outros como de alto risco para o desenvolvimento de câncer. Os tipos 6 e 11, por exemplo, estão principalmente associados às verrugas anogenitais, enquanto os tipos 16 e 18 estão relacionados a aproximadamente 70% dos casos de câncer do colo do útero. A infecção persistente por tipos de alto risco também está associada a outros cânceres, como os de vulva, vagina, pênis, ânus e orofaringe (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2024; INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER, 2023). Dessa forma, a orientação realizada pelo enfermeiro deve esclarecer que a infecção pelo HPV não significa, necessariamente, o desenvolvimento de câncer, uma vez que muitas infecções são controladas espontaneamente pelo organismo. Entretanto, a persistência de tipos oncogênicos representa um importante fator de risco, o que reforça a relevância da vacinação e das demais medidas preventivas.

No Brasil, a vacina quadrivalente contra o HPV foi incorporada ao Programa Nacional de Imunizações (PNI) em 2014, inicialmente destinada às meninas de 11 a 13 anos. Ao longo dos anos, a estratégia foi ampliada para outras faixas etárias, para meninos e para grupos com condições específicas de saúde. Atualmente, a vacinação de rotina é indicada para meninas e meninos de 9 a 14 anos, em dose única, conforme as recomendações do Ministério da Saúde. A vacina quadrivalente disponibilizada pelo SUS protege contra os tipos 6, 11, 16 e 18, contribuindo tanto para a prevenção de verrugas anogenitais quanto para a redução do risco de doenças relacionadas aos tipos oncogênicos contemplados pelo imunizante (BRASIL, 2024; INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER, 2023).

Além da vacinação de rotina, o SUS prevê recomendações específicas para determinados grupos. Pessoas imunocomprometidas, incluindo aquelas que vivem com HIV, pacientes oncológicos e transplantados, podem receber três doses, conforme as orientações vigentes. A vacina também é indicada para grupos específicos, como vítimas de violência sexual, usuários de profilaxia pré-exposição ao HIV (PrEP) e pessoas com papilomatose respiratória recorrente, respeitando-se as faixas etárias, os esquemas e os critérios definidos pelo Ministério da Saúde. Em 2026, também foi prorrogada até 31 de dezembro a estratégia de resgate vacinal para adolescentes e jovens de 15 a 19 anos que não receberam a vacina na idade recomendada ou não possuem registro de vacinação (BRASIL, 2026). Por isso, o enfermeiro deve verificar a caderneta

de vacinação, avaliar a elegibilidade do usuário e orientar a família de acordo com as recomendações atualizadas, evitando informações desatualizadas sobre idade e número de doses.

A simplificação do esquema de vacinação de rotina para dose única representa uma oportunidade para facilitar o acesso e reduzir dificuldades relacionadas ao retorno dos adolescentes às unidades de saúde. Entretanto, a ampliação da cobertura vacinal depende também da capacidade dos serviços de saúde de identificar pessoas não vacinadas, organizar ações de busca ativa e promover atividades educativas acessíveis à comunidade. Nesse sentido, a atuação do enfermeiro não deve se limitar à administração do imunizante, mas envolver o planejamento de estratégias de prevenção, a avaliação da situação vacinal e o acompanhamento dos indicadores de cobertura, considerando as particularidades sociais e culturais da população atendida.

Outro aspecto relevante identificado nos estudos refere-se à influência dos pais e responsáveis na decisão de vacinar os adolescentes. Lee et al. (2021), ao investigarem a influência familiar na vacinação contra o HPV entre mães e filhas de origem cambojana nos Estados Unidos, destacaram a importância das relações familiares e dos aspectos socioculturais na construção das decisões sobre saúde. Esse achado reforça que a hesitação vacinal não deve ser compreendida exclusivamente como falta de informação, pois pode estar relacionada a valores familiares, experiências anteriores com os serviços de saúde, receios sobre possíveis eventos adversos e interpretações equivocadas sobre a finalidade da vacina.

A resistência de alguns responsáveis pode estar associada à percepção de que a vacina estimula o início precoce da atividade sexual, ao receio de reações adversas ou à compreensão limitada de que a imunização deve ocorrer antes da possível exposição ao vírus. Essas preocupações devem ser abordadas de maneira respeitosa e fundamentada em evidências científicas. O enfermeiro deve explicar que a vacina contra o HPV é uma medida de prevenção de infecções e de doenças associadas ao vírus, sendo recomendada preferencialmente na faixa etária anterior à exposição. A comunicação não deve culpabilizar as famílias nem desconsiderar suas dúvidas, mas criar condições para que os responsáveis compreendam os benefícios da imunização e possam tomar decisões informadas.

Nesse processo, a escuta qualificada e o acolhimento são fundamentais para estabelecer uma relação de confiança entre a equipe de saúde e a comunidade. A abordagem educativa deve permitir que pais e responsáveis expressem suas preocupações, recebam respostas claras e

compreendam a importância da vacinação. A utilização de uma linguagem acessível, de exemplos cotidianos e de materiais educativos adequados à idade e ao nível de compreensão do público pode contribuir para diminuir a circulação de informações equivocadas. Além disso, é importante reforçar que a vacina não protege contra todos os tipos de HPV, mas oferece proteção contra os tipos contemplados em sua composição, incluindo aqueles associados a uma parcela expressiva dos casos de câncer do colo do útero e às verrugas anogenitais (INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER, 2023).

A formação e a capacitação dos profissionais de saúde também se destacam como fatores relevantes para a promoção da vacinação. Rosen et al. (2017), ao abordarem as atitudes de enfermeiros escolares em relação à vacinação contra o HPV, evidenciaram a importância da preparação profissional para orientar adolescentes e familiares. A segurança do enfermeiro ao apresentar informações corretas, esclarecer dúvidas e recomendar a imunização pode influenciar a confiança dos responsáveis. Dessa forma, a educação permanente das equipes da APS deve contemplar conteúdos atualizados sobre o HPV, os benefícios e a segurança das vacinas, os critérios de elegibilidade e as estratégias de comunicação diante da hesitação vacinal.

De maneira complementar, Lang et al. (2022) demonstraram a relevância de intervenções realizadas em diferentes níveis, envolvendo a capacitação dos profissionais, a melhoria da comunicação com as famílias e a oferta de informações educativas em serviços de saúde de áreas rurais. A abordagem integrada pode favorecer a ampliação do conhecimento e melhorar os resultados relacionados à vacinação. Esses achados apontam que a responsabilidade pela adesão não deve ser atribuída exclusivamente aos adolescentes ou a seus responsáveis, uma vez que a organização dos serviços, a disponibilidade de informações confiáveis e a atuação dos profissionais também interferem no acesso e na continuidade das ações preventivas.

As estratégias educativas devem considerar, ainda, as características socioculturais e linguísticas da população. Mattebo et al. (2021), ao analisarem a atuação de enfermeiros escolares na implementação de ações educativas sobre o HPV, ressaltaram a importância de materiais e abordagens compatíveis com as necessidades dos adolescentes. Essa perspectiva pode ser aplicada à APS por meio de rodas de conversa, palestras, atendimentos individuais, materiais impressos, recursos audiovisuais e atividades educativas realizadas em parceria com as escolas. A adequação da linguagem e dos recursos utilizados pode favorecer a compreensão das informações, especialmente entre famílias com diferentes níveis de escolaridade ou com dificuldades de acesso a conteúdos científicos.

A parceria entre os serviços de saúde e as instituições de ensino também representa uma possibilidade de ampliar o alcance das ações de imunização. As escolas constituem espaços estratégicos para a educação em saúde, pois permitem o contato com adolescentes e a aproximação com suas famílias. O desenvolvimento de campanhas educativas, a divulgação de informações confiáveis e a organização de ações de vacinação articuladas com as equipes da APS podem facilitar a identificação de adolescentes com situação vacinal incompleta. Entretanto, essas iniciativas devem respeitar as normas vigentes, os fluxos locais e as responsabilidades dos serviços envolvidos, garantindo informação adequada e acesso seguro à vacinação.

Edwards e Hooper (2019), ao descreverem uma iniciativa de saúde escolar voltada à vacinação contra o HPV, demonstraram a importância de combinar recomendações profissionais e materiais informativos destinados aos responsáveis. Embora ações educativas possam favorecer a autorização para a vacinação, seus resultados também indicam que a disponibilização de informações não elimina automaticamente todas as barreiras. É necessário compreender as razões específicas da recusa ou do adiamento da vacina, oferecer orientação individualizada e manter canais de comunicação entre os serviços de saúde, as escolas e as famílias.

Nesse contexto, o enfermeiro da APS ocupa uma posição estratégica por acompanhar a população ao longo do tempo e desenvolver ações de promoção da saúde, prevenção de doenças e vigilância em saúde. Entre suas atribuições relacionadas à vacinação estão a avaliação da situação vacinal, a orientação sobre a indicação do imunizante, o esclarecimento de dúvidas, a identificação de oportunidades perdidas de vacinação, a participação em campanhas e a realização de busca ativa de adolescentes não imunizados. A atuação integrada com médicos, agentes comunitários de saúde, técnicos de enfermagem, profissionais da educação e demais integrantes da equipe multiprofissional pode fortalecer as ações de prevenção e ampliar o acesso à vacina.

É necessário, ainda, considerar que a hesitação vacinal pode estar relacionada a fatores estruturais, além das dúvidas individuais. Horários incompatíveis com a rotina familiar, dificuldades de deslocamento, ausência de informações sobre os locais de vacinação e oportunidades limitadas de acesso podem contribuir para o atraso ou a não realização da imunização. Por essa razão, as intervenções educativas devem ser articuladas com estratégias que facilitem o acesso, como divulgação dos horários das unidades, atualização dos registros

vacinais, busca ativa e realização de atividades em diferentes espaços comunitários, conforme a organização dos serviços de saúde. Assim, a educação em saúde torna-se mais efetiva quando acompanhada de condições concretas para que a população consiga acessar a vacinação.

A análise dos estudos também deve considerar algumas limitações. As pesquisas foram desenvolvidas em diferentes países e contextos sociais, com populações, métodos e formas de avaliação distintas, o que limita a comparação direta entre seus resultados e a generalização das conclusões para a realidade brasileira. Além disso, estudos realizados com estudantes universitários, mães de grupos culturais específicos ou enfermeiros escolares não representam, necessariamente, as experiências de todos os adolescentes, responsáveis e profissionais que atuam na APS brasileira. Dessa maneira, os achados contribuem para identificar estratégias potencialmente úteis, mas devem ser interpretados considerando as diferenças entre os sistemas de saúde e as características das populações estudadas.

Outra limitação refere-se à diversidade dos indicadores utilizados para avaliar a vacinação. Alguns estudos investigam conhecimento, intenção de vacinar ou atitudes dos profissionais, enquanto outros analisam a autorização dos responsáveis ou a realização efetiva da vacina. Esses desfechos não são equivalentes: demonstrar intenção favorável à vacinação não significa necessariamente que o adolescente tenha sido imunizado. Portanto, pesquisas futuras devem avaliar não apenas o conhecimento e a aceitação da vacina, mas também a efetivação da imunização, a continuidade das estratégias de busca ativa e os resultados das intervenções educativas desenvolvidas pelos enfermeiros.

Diante dos achados, compreende-se que a educação em saúde desenvolvida pelo enfermeiro na Atenção Primária à Saúde pode contribuir para melhorar a compreensão sobre o HPV, esclarecer informações equivocadas e favorecer a adesão à vacinação entre adolescentes. Entretanto, sua efetividade depende da combinação entre comunicação qualificada, capacitação profissional, participação familiar, articulação intersetorial e facilitação do acesso aos serviços. A abordagem da resistência dos pais e responsáveis exige respeito às particularidades culturais, escuta ativa e apresentação de informações científicas atualizadas, sem julgamentos ou constrangimentos.

Assim, a atuação do enfermeiro deve ser compreendida como parte de uma estratégia ampla de prevenção, que ultrapassa a administração da vacina e envolve educação, acolhimento, acompanhamento e mobilização comunitária. O fortalecimento dessas ações na APS pode contribuir para reduzir oportunidades perdidas de imunização e ampliar a proteção dos

adolescentes contra os tipos de HPV contemplados pela vacina. Conclui-se que práticas educativas planejadas, contínuas e adaptadas à realidade da população constituem ferramentas relevantes para enfrentar a hesitação vacinal e fortalecer a prevenção de doenças associadas ao HPV, embora a magnitude desse impacto deva ser interpretada de acordo com os resultados e as limitações dos estudos analisados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta revisão de escopo buscou mapear evidências sobre ações de enfermagem voltadas à hesitação à vacinação contra o HPV em adolescentes e seus responsáveis. Nos sete estudos informados pelos autores, foram identificados temas relativos ao conhecimento sobre a vacina, à influência das famílias e a estratégias educativas e comunicacionais. A heterogeneidade dos delineamentos e a ausência de descrição suficientemente auditável de todas as etapas de seleção limitam a força das conclusões.

Os achados discutidos apontam para a importância de compreender a resistência vacinal como um fenômeno que pode envolver dúvidas, receios, crenças familiares, informações incorretas e dificuldades de acesso aos serviços de saúde. Dessa forma, a baixa adesão à vacinação não deve ser atribuída a um único fator, sendo necessário considerar as diferentes condições que influenciam a decisão das famílias e a possibilidade de realização da imunização.

Nesse contexto, o enfermeiro assume uma função estratégica na Atenção Primária à Saúde ao desenvolver orientações individuais e coletivas, acolher as dúvidas dos responsáveis, esclarecer informações equivocadas e acompanhar a situação vacinal dos adolescentes. A educação em saúde, quando realizada de forma contínua, acessível e fundamentada em evidências científicas, pode favorecer a compreensão da importância da vacina e fortalecer o diálogo entre profissionais, adolescentes e famílias.

Além disso, a articulação entre os serviços de saúde, as instituições de ensino e a comunidade pode ampliar as oportunidades de orientação e contribuir para aproximar a população das ações de imunização. Entretanto, para que essas iniciativas sejam efetivas, é importante associá-las à organização dos serviços, à identificação de adolescentes com vacinação pendente e à adoção de estratégias que facilitem o acesso à vacina.

A literatura mapeada aponta que ações educativas, recomendações profissionais e a articulação com famílias e escolas constituem estratégias plausíveis para abordar dúvidas e barreiras à vacinação contra o HPV. Entretanto, não é possível atribuir a essas medidas um

efeito causal uniforme sobre a cobertura vacinal a partir dos registros apresentados. Recomenda-se que novas pesquisas diferenciem conhecimento, intenção de vacinar, aceitação e vacinação efetivamente realizada e comparem intervenções com indicadores definidos previamente.

Como contribuição para a prática profissional, o estudo reforça a importância de incorporar ações educativas ao planejamento da enfermagem na Atenção Primária à Saúde, valorizando o acolhimento, a comunicação clara, a atualização científica e a participação das famílias. Essas medidas podem fortalecer as ações de prevenção de doenças relacionadas ao HPV e favorecer uma atuação mais próxima das necessidades dos adolescentes e da comunidade.

Por fim, recomenda-se o desenvolvimento de novas pesquisas que avaliem os resultados de intervenções educativas conduzidas especificamente por enfermeiros, considerando não apenas o conhecimento adquirido pelos participantes, mas também a adesão efetiva à vacinação. A produção de evidências sobre essas estratégias poderá subsidiar o aprimoramento das práticas de enfermagem, contribuir para o planejamento das políticas de imunização e fortalecer as ações de promoção da saúde dos adolescentes.

REFERÊNCIAS

ASLAN, F.; BAKAN, A. B. The effect of HPV training given to high school students on their knowledge levels and health beliefs: A randomized controlled trial. **Journal of Pediatric and Adolescent Gynecology**, v. 34, n. 4, p. 524-530, 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Instrução normativa que instrui o Calendário Nacional de Vacinação 2026. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2026. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/vacinacao/publicacoes/instrucao-normativa-que-instrui-o-calendario-nacional-de-vacinacao-2026.pdf/@@download/file.

BRASIL. Ministério da Saúde. Jovens de 15 a 19 anos podem se vacinar contra o HPV até dezembro. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2026. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias-ms/2026/julho/jovens-de-15-a-19-anos-podem-se-vacinar-contra-o-hpv-ate-dezembro.

BRASIL. Ministério da Saúde. Saúde com Ciência: iniciativa de enfrentamento à desinformação em saúde e em defesa da vacinação. Brasília: Ministério da Saúde, 2025. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-com-ciencia.

BRASIL. Ministério da Saúde. Calendário técnico nacional de vacinação de adolescentes e jovens. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Instrução normativa que instrui o Calendário Nacional de Vacinação – 2025. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2025.

CARVALHO, N. S. *et al*. Protocolo Brasileiro para Infecções Sexualmente Transmissíveis 2020: infecção pelo papilomavírus humano (HPV). Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical, Uberaba, v. 54, supl. 1, e2020521, 2021.

CENTER FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION (CDC). Basic Information about HPV and Cancer. Atlanta: CDC, 2024.

CARDIAL, M. F. T. *et al*. Papilomavírus humano (HPV). *In*: PROGRAMA vacinal para mulheres. Femina, São Paulo, v. 47, n. 2, p. 94-100, 2019.

EDWARDS, K. M.; HOOPER, C. Z. Increasing HPV vaccination rates in a school-based health center: A quality improvement project. **Journal of School Nursing**, v. 35, n. 6, p. 412-420, 2019.

LANG, A. et al. Multilevel intervention to improve HPV vaccination rates in rural primary care clinics. **The Journal of Rural Health**, v. 38, n. 3, p. 610-619, 2022.

LEE, H. et al. HPV knowledge, social norms, and vaccination decision-making among Cambodian American mothers and daughters. **Journal of Immigrant and Minority Health**, v. 23, n. 2, p. 285-293, 2021.

LI, X. et al. Knowledge, attitudes, and willingness regarding HPV vaccination among university students in China. **BMC Public Health**, v. 24, n. 1, p. 145, 2024.

LEI, J. *et al*. HPV Vaccination and the Risk of Invasive Cervical Cancer. The New England Journal of Medicine, Boston, v. 383, n. 14, p. 1340-1348, 2020.

MATTEBO, M. et al. School nurses' experiences of promoting HPV vaccination and sexual health in upper secondary schools. **Scandinavian Journal of Caring Sciences**, v. 35, n. 4, p. 1180-1188, 2021.

PAGE, Matthew J. et al. The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. BMJ, v. 372, n. 71, 2021.

ROSEN, B. L. et al. School nurses' knowledge, attitudes, and intentions regarding HPV vaccination mandates. **The Journal of School Nursing**, v. 33, n. 5, p. 340-349, 2017

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Human papillomavirus vaccines: WHO position paper, December 2022. *Weekly Epidemiological Record*, Geneva, v. 97, n. 50, p. 645-672, 2022.

WEST, N. *et al*. Human Papillomavirus: An Old New History. Pathogens, Basel, v. 14, n. 10, p. 1043, 2025.

WRIGHT, J. *et al*. Understanding HPV in Men: A Review of the Prevalence, Risk Factors, Health Outcomes, Transmission, Diagnostics, and Vaccination Strategies. Pathogens, Basel, v. 5, n. 4, p. 23, 2026.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Human papillomavirus and cancer: Fact Sheet. Geneva: WHO, 2024.